

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PRÁTICA FORMATIVA: APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE CONSCIÊNCIA NEGRA NO ENSINO MÉDIO

Levi Francisco da Silva
Danieli Tavares

RESUMO

Este relato de experiência apresenta uma análise da aplicação de uma sequência didática interdisciplinar desenvolvida durante a imersão na Residência Educacional da Faculdade SESI-SP de Educação, em 2025. A prática foi desenvolvida com uma turma do 3º ano do ensino médio da Escola SESI Tatuapé, em São Paulo-SP, e articulou os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, com o objetivo de promover reflexões críticas sobre consciência negra, identidade e racismo estrutural. Organizada para quatro horas-aulas, a sequência integra a leitura do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016); a escuta analítica da música “Estereótipo”, de Rashid (2017); e a produção de colagens individuais

realizadas pelos estudantes como síntese reflexiva e estética. O caráter interdisciplinar da proposta potencializa a construção de sentidos, permitindo que os estudantes transitem entre linguagens, discursos e formas de expressão. A literatura favorece discussões sobre violência simbólica, desigualdade e representações da mulher negra na sociedade brasileira; a música contribui com elementos contemporâneos que revelam situações de estigmatização e preconceito vividas cotidianamente; enquanto a arte visual possibilita que os estudantes transformem suas percepções em produções significativas, mobilizando afetos, memórias e posicionamentos críticos. A Residência Educacional

desempenhou papel central na qualificação da reflexão pedagógica e na ampliação da compreensão sobre práticas docentes comprometidas com uma educação antirracista. Como resultado, a montagem de um mural no corredor da escola evidenciou o alcance formativo da proposta ao promover diálogo e sensibilização da comunidade escolar. Conclui-se que a interdisciplinaridade contribuiu para

a construção de um espaço de aprendizagem plural, favorecendo o desenvolvimento da consciência crítica, o engajamento dos estudantes e a autonomia intelectual.

PALAVRAS-CHAVE interdisciplinaridade, consciência negra e educação antirracista.

■ INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta, em caráter analítico e reflexivo, a aplicação de uma sequência didática desenvolvida com uma turma do 3º ano do Ensino Médio da Escola SESI Tatuapé, nos dias 12 e 13 de novembro de 2025, articulando Literatura, Língua Portuguesa e Arte. Antes de detalhar o percurso formativo, considero essencial contextualizar a Residência Educacional, pois essa vivência fundamenta tanto minhas escolhas pedagógicas quanto minha compreensão sobre a prática.

Na Faculdade SESI-SP de Educação, a Residência Educacional é concebida como uma experiência formativa no campo da prática, que articula teoria e ação pedagógica desde o início da formação. Seu objetivo é proporcionar aos discentes vivências reais nos espaços escolares, contribuindo para o desenvolvimento dos saberes profissionais necessários ao exercício

docente. No segundo ano do curso, a Residência concentra-se especialmente na observação sistemática, análise de práticas pedagógicas e participação no desenvolvimento de atividades de ensino, conforme previsto no Capítulo 7 do Regulamento da Residência Educacional (2023).

Nesse contexto, realizei a Residência Educacional na escola SESI Tatuapé, durante o segundo semestre de 2025, acompanhando as aulas de Língua Portuguesa da professora Tatiana Rosa Redondo Guilherme Boeta. Essas experiências de observação, análise e planejamento constituíram a base sobre a qual pude compreender o cotidiano escolar e reconhecer a importância de intervenções pedagógicas pensadas em diálogo com os professores e com as demandas reais da sala de aula.

Durante os encontros de orientação da residência, na Faculdade SESI-SP de Educação, as discussões foram aprofundadas em torno da interdisciplinaridade na formação docente. Fomos convidados a compreender que as áreas de conhecimento não devem ser tratadas como compartimentos isolados, mas como campos que dialogam e se enriquecem mutuamente. Nesse sentido, a atitude interdisciplinar, tal como propõe Fazenda (1994), significa não só eliminar as barreiras entre as disciplinas, mas também as barreiras entre as pessoas, de modo que os profissionais da escola busquem alternativas para se conhecerem mais e melhor, compartilhem conhecimentos e experiências entre si. Trata-se, portanto, de um modo de proceder intelectualmente, de uma prática de trabalho didático, científico, profissional, de construção coletiva do conhecimento. Essa reflexão ganhou força porque os cursos da Faculdade SESI-SP são organizados por áreas de conhecimento, e o curso do qual faço parte — Linguagens e Códigos — contempla Língua Portuguesa, Literatura, Arte e Inglês. Nesse contexto, foi proposta a elaboração de uma sequência didática a ser desenvolvida nas escolas parceiras com caráter explicitamente interdisciplinar, desafio que acolhi como uma oportunidade

formativa para ampliar o sentido e o alcance das práticas pedagógicas.

Foi nesse cenário formativo que foi elaborada e desenvolvida a sequência didática voltada à Consciência Negra, tomando-a não apenas como uma prática pedagógica pontual, mas como objeto de análise deste trabalho. Assim, ao apresentar e refletir sobre essa experiência, busco evidenciar de que maneira a articulação interdisciplinar entre Literatura, Língua Portuguesa e Arte pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista, comprometida com a problematização das construções sociais de identidade. As obras escolhidas — o conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016), e a música “Estereótipo”, de Rashid (2017) — não atuaram apenas como suporte temático, mas como o próprio eixo teórico que sustenta a discussão aqui apresentada. Ao conectar a potência narrativa de Evaristo com a denúncia contemporânea de Rashid, as obras, bem como a atividade de produção artística, são analisadas neste estudo como estratégias didáticas que possibilitam tensionar estereótipos e ampliar repertórios culturais, em consonância com a reflexão crítica proposta neste relato de experiência.

APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência didática foi planejada para quatro aulas de cinquenta minutos cada, realizadas de forma colaborativa entre mim e a professora de referência Tatiana Rosa. O planejamento previa leitura do conto, escuta da música, rodas de discussão, produção de colagens e apresentações orais. Entretanto, como ocorre em muitos processos educativos, percebi que o tempo planejado não correspondia ao tempo necessário para a criação — e foi justamente nesse descompasso que emergiram descobertas importantes.

No dia 12 de novembro de 2025, organizamos a turma do 3º ano do ensino médio. Enquanto a professora Tatiana Rosa revisava conteúdos de Língua Portuguesa com um grupo, eu conduzia, com o outro, a leitura do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016) e a escuta da música “Estereótipo”, de Rashid (2017). Depois, fizemos a inversão dos grupos para garantir que todos vivenciassem as duas atividades.

A leitura instaurou um silêncio particular na sala. A trajetória da Maria — mulher negra, trabalhadora, mãe solo de três filhos — provocou debates sobre violência simbólica, vulnerabilidade

social e a permanência do racismo estrutural que atravessa a vida da personagem desde as primeiras linhas. A reação dos estudantes, marcada por indignação, inquietação e perguntas sucessivas, evidenciou que o texto atingiu não apenas a racionalidade, mas também um campo sensível de identificação e desconforto.

Ao analisar a escrita de Conceição Evaristo (2016) a partir do conto lido integralmente, percebo que sua força reside na crueza com que expõe o cotidiano de violência que estrutura a vida da personagem Maria. Evaristo mobiliza uma narrativa direta, sem mediações que suavizam a brutalidade vivida pela personagem: logo no início, evidencia um corpo cansado, ferido por um corte na mão causado pela “faca-laser que corta até a vida” (Evaristo, 2016, p. 40), metáfora que antecipa a precarização e o risco constante que atravessam sua existência. A autora constrói imagens de forma direta, quase documental, evidenciando o contraste entre pequenos gestos de afeto — como a expectativa de oferecer melão aos filhos — e o cenário de opressão que se intensifica ao longo da narrativa.

Sua escrita opera em dois registros simultâneos: o afeto íntimo que se manifesta na memória do ex-companheiro e no cuidado com os filhos, e a violência social que irrompe sem aviso, como quando a multidão transformou Maria em inimiga pública, acusando-a, xingando-a, condenando-a. A cadência da narrativa acelera na segunda metade do conto, refletindo o caos do linchamento. A linguagem não poupa o leitor: “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos” (Evaristo, 2016, p.42). A frieza dos verbos e a rapidez das ações ampliam o impacto emocional e revelam uma escrita que fere e convoca.

Em seguida, escutamos “Estereótipo”. A composição de Rashid (2017), assim como a escrita de Conceição Evaristo (2016), opera pela exposição direta da violência estrutural, mas o faz por meio do ritmo, da cadência e das urgências próprias do rap. Seu eu lírico afirma reiteradamente que “somos todos alvos” (Rashid, 2017), revelando que, para a população negra, o corpo se torna parâmetro de suspeição e controle. As referências a casos reais — Douglas, as “Cláudias”, os meninos da periferia — inserem o texto dentro de uma memória coletiva de dor e resistência, aproximando a obra da escrevivência que analisamos no conto Maria. Os estudantes comentaram que a música “não deixa respirar”, e esse efeito não é acidental: Rashid (2017) estrutura seus versos com imagens rápidas, verbos de ação, contrastes e denúncias explícitas, criando uma narrativa que se move entre a experiência íntima (“podia ser eu”) e a

crítica estrutural (“não existe igualdade pra quem tem que correr atrás de quase 400 anos de prejuízo”). Os estudantes expressaram rapidamente o potencial efeito e impacto da letra, reconhecendo situações que fazem parte de seu cotidiano: olhares desconfiados, abordagens injustificadas, julgamentos automáticos. Ao relacionar conto e música, identificaram que ambas as obras revelam camadas de um mesmo sistema de opressões — e que a arte, em suas múltiplas formas, pode denunciar, iluminar e transformar.

A sequência previa que a terceira aula seria destinada à produção individual de uma colagem artística, seguida por uma aula final para apresentações orais. Porém, ao iniciar a atividade, ficou evidente que os estudantes precisavam de mais tempo — tempo para relacionar suas próprias percepções às obras estudadas, para selecionar imagens, palavras e cores que representassem seus pensamentos.

Logo, as duas aulas do dia 13 de novembro foram inteiramente dedicadas à criação das colagens, o que tornou inviável a apresentação coletiva planejada. No entanto, cada estudante apresentou sua produção individualmente a mim e à professora Tatiana Rosa no momento da entrega. Esses pequenos diálogos revelaram potências: memórias pessoais, reflexões sobre identidade, sentimentos de inconformismo e desejos de reconhecimento.

A sala transformou-se em um ateliê vivo, onde cada mesa se tornava um território de expressão. Senti que a produção artística abria caminhos que a fala,

muitas vezes, evita: caminhos de pertencimento, dor, afirmação e resistência.

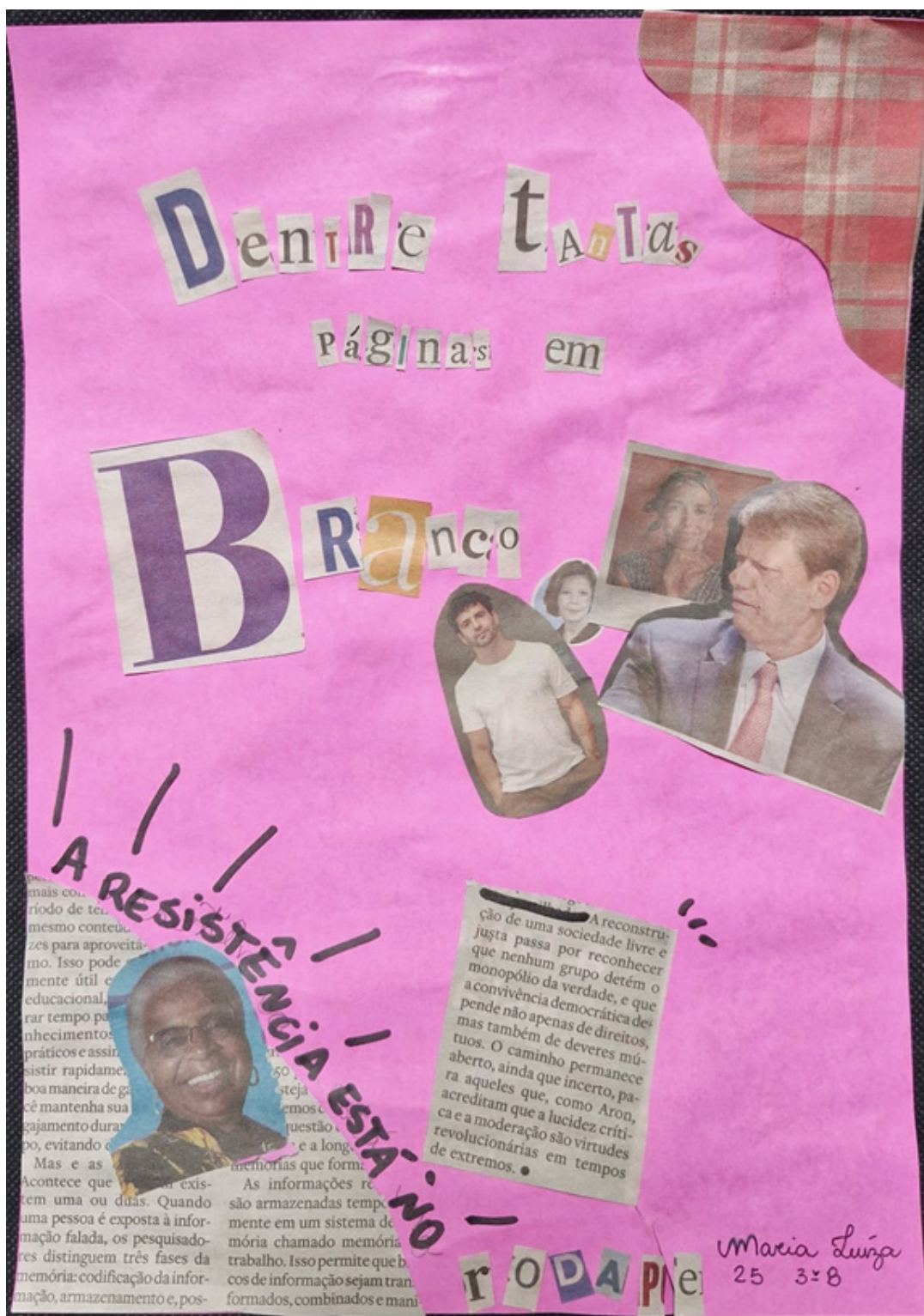


Imagem do arquivo pessoal dos autores (2025).



Imagem do arquivo pessoal dos autores (2025).

Culminância: o mural da escola

Para compartilhar as produções estudantis, montamos (docente e residente) um mural no corredor da escola reunindo todas as colagens criadas pelos estudantes, o texto do conto “Maria” (Evaristo, 2016) e a letra da música “Estereótipo” (Rashid, 2017).

O mural rapidamente se tornou um espaço de diálogo. Professores, funcionários e alunos paravam diante das imagens, observavam e comentavam. A escola, por alguns dias, respirou memória, resistência e poesia.



Imagem do arquivo pessoal dos autores (2025).

■ CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aplicar esta sequência didática em uma turma do 3º ano do ensino médio, na escola SESI Tatuapé, foi uma experiência profundamente gratificante para mim enquanto residente e professor em formação inicial. Literatura, música e produção artística articularam-se de forma intrínseca, permitindo que os estudantes refletissem não apenas sobre o racismo enquanto fenômeno social, mas também sobre suas próprias histórias, identidades e vivências.

O tempo estendido para a produção me ensinou que a criação artística exige respeito ao ritmo de cada sujeito, de suas escolhas e construção de sentidos. Ao acompanhar cada colagem, percebi que aquele espaço se tornava um lugar de expressão sensível — um lugar onde sentimentos que não cabem facilmente nas rotinas escolares encontravam voz e forma.

■ REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Maria. In: **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FACULDADE SESI DE EDUCAÇÃO.
Regulamento do Programa de Residência Educacional da Faculdade Sesi-SP de Educação. 2023. Disponível em:
https://www.faculdadesesi.edu.br/wp-content/uploads/2023/12/Regulamento_Residencia_Educacional_Faculdade_Sesi_de_Educacao_2024.pdf Acesso em: 12 nov. de 2025.

Compreendi, mais uma vez, que a educação antirracista precisa ser constante, dialógica e comprometida com a dignidade humana. Precisa atravessar conteúdos, práticas e relações, promovendo escuta, acolhimento e tomada de consciência.

Encerrar este processo reforçou em mim a certeza de que, antes de ensinar, eu preciso escutar; antes de conduzir, caminhar junto; antes de planejar, observar com atenção. A literatura e a arte seguem sendo territórios valiosos de formação humana, mesmo quando brotam em solos marcados pela dor e pela desigualdade.

Este relato, portanto, não é apenas o registro de uma prática, mas o testemunho de uma vivência que me transformou enquanto educador em formação.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas, Papirus, 1994.

RASHID. **Estereótipos**. 2017. Disponível em: Rashid - "Estereótipo" (VÍDEO OFICIAL) - YouTube. Acesso em: 04 nov. de 2025.